

**Neves, Eduardo Góes. *Arqueologia da Amazônia*. Rio de Janeiro:
Jorge Zahar Editor, 2006.**

Maurício Schneider¹

Eduardo Neves é graduado em História pela USP (Universidade de São Paulo) e Doutor em Arqueologia pela universidade de Indiana, Estados Unidos. Professor do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP e professor do programa de pós-graduação em arqueologia na Universidade do Centro da Província de Buenos Aires, Argentina. Desde 1986 ele trabalha com arqueologia na Amazônia.

Neste livro, Neves expõe o equívoco em pensar a região amazônica como uma região permanentemente pouco habitada. Com o início da colonização europeia, as populações existentes no local foram sendo dizimadas. Todavia, o estudo de sítios arqueológicos revela a densidade da ocupação humana e a diversidade de formas dessa mesma ocupação na Amazônia pré-colonial. Esses indígenas que ocuparam a Amazônia milênios antes dos europeus são ancestrais dos povos que habitam hoje aquela região. Nesse sentido, segundo ele, “a arqueologia da Amazônia é, antes de tudo, uma espécie de História Antiga, dos povos indígenas da região”.

O início da ocupação amazônica data de mais de 11.000 anos. Índícios arqueológicos foram encontrados em diversas áreas como o Pará e o Mato Grosso (neste a datação é ainda mais antiga – cerca de 14.000 anos). O clima da floresta nessa época era semelhante ao atual. Entretanto, entre 6.000 e 1.000 a.C, num período conhecido como Holoceno médio, ocorreram mudanças climáticas na Amazônia. O clima seco provocou diminuição da área verde da floresta e diminuição no nível dos rios. É esse período,

¹ Aluno do Curso de Antropologia no Instituto de Ciências Humanas, na Universidade Federal de Pelotas (ICH/UFPel), Brasil.

também, que compreende a menor frequência de sítios arqueológicos na região.

Os primeiros habitantes da Amazônia sobreviviam da caça de pequenos animais, da coleta e da pesca. Essas populações começaram a praticar a domesticação de plantas selvagens, num processo que levaria (milhares de anos mais tarde) ao advento da agricultura.

A partir de 1.000 a.C. (final do Holoceno médio), começa-se a verificar a presença de grandes assentamentos sedentários (terras pretas de índio) nos quais a agricultura seria a principal fonte de subsistência.

O tipo de agricultura que começou a ser desenvolvida costuma ser conhecido como agricultura “de coivara”, “de toco” ou “de corte e queima”. Uma parte da floresta é derrubada e queimada na época da seca e cultivada posteriormente, semelhante ao realizado pelos indígenas contemporâneos. Entretanto, em função das ferramentas, à época, serem feitas de pedra (e não de metal) esse processo tinha uma duração maior e a rotatividade de terras era bem menos intensa, havendo uma fixação bem maior por parte dos índios.

Contudo, o aparecimento da agricultura para alguns grupos não foi generalizado para todos eles, ao passo que muitas comunidades permaneciam com suas economias baseadas na pesca, na caça e na coleta. Algumas delas, inclusive, seguiam praticando a domesticação de plantas – sem, no entanto, passar a um modo agrícola de vida. Ao que tudo indica, o desenvolvimento das comunidades que iam se “agriculturalizando” propiciava sua expansão e a dominação das demais comunidades que não praticavam a agricultura.

O estudo da cerâmica produzida por esses grupos ajuda a entender como esse processo se deu. Foram encontradas peças com idades até 3500 anos (entre as mais antigas da América). Essa data não corresponde ao período que, se supõe, tenha aparecido a agricultura na Amazônia. Dessa forma, o surgimento da cerâmica

não está associado ao desaparecimento das espécies de economias “não-agrícolas”, mas sim vem ratificar a evidência da diversidade no tocante a ocupação humana na Amazônia.

A idéia de que “a Amazônia era uma terra sem gente para uma gente sem terra”, defendida pelo governo militar e, neste livro, lembrada (e contestada) pelo autor não está, de forma alguma, assentada na realidade. A arqueologia de Eduardo Neves e de tantos outros pesquisadores nos revela isso. Pensar a Amazônia como um rico espaço, não só natural, como também cultural ao longo da história não se resume somente a fazer justiça com o passado da região, mas sim abrir a possibilidade para o entendimento da ocupação amazônica como um fato global. Tendo em vista que a história de qualquer homem é a história de um pedaço da humanidade.

Recebido em: 26/02/2008

Aprovado em: 29/08/2008

Publicado em: 03/10/2008